

SÃO PELEGRINO E A CIDADE DE CAXIAS DO SUL

Projeto Fé e Cultura – Paróquia São Pelegrino – 1 de agosto de 2013

Marcos Fernando Kirst

1) HISTÓRIA DO BAIRRO

O bairro São Pelegrino está intimamente ligado com o nascimento da cidade de Caxias do Sul. Foi aqui que Caxias começou, foi aqui onde pisaram os primeiros imigrantes vindos da Itália rumo ao Campo dos Bugres. A história do bairro e de Caxias começa muito antes da famosa data de 1º de junho de 1910, com a chegada do trem a Caxias e a elevação de Caxias à categoria de cidade, fatos ocorridos no mesmo dia.

O Campo dos Bugres e Cristóvão de Mendoza

A área conhecida como Campo dos Bugres, hoje absorvida pelo bairro São Pelegrino, integra a história da cidade desde alguns séculos antes da chegada dos primeiros imigrantes. Os primeiros habitantes dessa região foram mesmo indígenas nômades que atraíram primeiramente as atenções de jesuítas da Companhia de Jesus, interessados em fundar reduções também por estas paragens. Registros históricos informam que missionários percorreram a região no século XVII na tentativa de definir locais propícios para fundar reduções, porém, não obtiveram sucesso.

Apesar de não sediar nenhuma missão jesuítica, a região de Caxias do Sul serviu de palco para uma tragédia que hoje integra os episódios históricos da saga missioneira em terras rio-grandenses. Afinal, foi aqui que morreu, martirizado, o padre Cristóvão de Mendoza, religioso boliviano nascido em Santa Cruz de La Sierra em 1590, responsável pela fundação, em 1632, da redução de São Miguel Arcanjo na região das Missões gaúchas. Introdutor das criações de gado no Rio Grande do Sul, padre Cristóvão (nascido Dom Rodrigo de Mendoza Y Orellana) mantinha relações com tropeiros e circulava pelo interior ainda virgem do (futuro) Estado. Foi em uma de suas estadas pela região conhecida como Campo dos Bugres (como eram chamados os indígenas que não mantinham contato com os brancos), onde

hoje existe Caxias do Sul, que foi atacado pelos nativos, martirizado e morto por índios da tribo dos Ibianguaras, em 26 de abril de 1635.

Os informes dão conta de que o religioso andava pela região tentando alertar os índios locais a respeito da iminente chegada de bandeirantes que vinham à procura de silvícolas para serem escravizados. Seu corpo teria sido jogado dentro de uma fonte em Santa Lúcia do Piaí, local hoje venerado como Fonte Azul, sede de peregrinações e homenagens. O fato de seu coração ter sido arrancado do peito e jogado na fonte serviu de inspiração para a lenda de que suas águas se tornaram azuis, daí o nome escolhido para o local. Cristóvão de Mendoza foi o primeiro mártir do município de Caxias do Sul.

**

É corrente e sabido que o núcleo inicial da Colônia de Caxias, primeira aglomeração urbana derivada do assentamento dos imigrantes europeus na região da Serra Gaúcha, que viria a dar origem ao surgimento da cidade de Caxias do Sul, estabeleceu-se na área que recebia a denominação de Campo dos Bugres. Antes da chegada dos colonizadores, Campo dos Bugres era como os primeiros exploradores da região designavam uma clareira aberta no seio da região Nordeste do território que mais tarde se transformaria no Estado do Rio Grande do Sul. A área localizava-se precisamente na região atualmente delimitada, na moderna Caxias do Sul, pelas ruas Olavo Bilac, Feijó Júnior, Ernesto Alves e Marechal Floriano, no bairro São Pelegrino, que serviu de berço para a instalação da estação ferroviária, no início do século XX.

A abertura de tal clareira em meio à mata nativa gaúcha foi obra de índios caingangues, que por ali se estabeleciam eventualmente, fugidos de suas regiões de origem no Paraná e em Santa Catarina devido às perseguições dos bandeirantes paulistas que desejavam escravizá-los. Não era um local de residência permanente, uma vez que essas tribos eram seminômades, se alimentando da caça e da coleta direta de frutos silvestres. Quem primeiro percebeu oficialmente os vestígios de que índios ainda habitavam a região foi o tropeiro português Antônio Machado de Souza, que andava por aqui em 1864, liderando uma expedição de reconhecimento destinada a abrir uma estrada ligando Montenegro a São Francisco de Paula.

Apesar dos poucos registros, Antônio Machado de Souza parece ter sido um personagem interessante. Nasceu em 1725 na Vila do Topo, pertencente à Ilha de São Jorge, na região portuguesa do Arquipélago dos Açores, e migrou para o Rio Grande do Sul em 1754, participando das levas de imigrantes açorianos que começaram a efetivamente chegar ao Estado a partir de 1752. A imigração açoriana representou um capítulo fundamental no processo de desbravamento das terras gaúchas muito antes da chegada dos imigrantes alemães e italianos, resultando no surgimento de diversos povoados que mais tarde se transformariam em cidades. Além da missão de escolher o melhor local para a abertura da futura estrada, Antônio Machado de Souza circulava pela região também incumbido de demarcar lotes para futuros assentamentos de colonos.

Eram jornadas revestidas de dificuldades e de perigos latentes representados pela inclemência do tempo, da topografia desconhecida e pelos animais selvagens. Na subida dos morros, abrindo picadas na mata virgem, os expedicionários atingiram uma colina na qual encontraram uma clareira com vestígios da presença de indígenas, aos quais chamavam “bugres”, surgindo assim a denominação de “Campo dos Bugres” para designar o local. É interessante se debruçar um pouco sobre as origens etimológicas do termo “bugre”, que era utilizado na época para denominar aleatoriamente os indivíduos pertencentes às comunidades indígenas nativas no país. Conforme o “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”, de autoria de Antônio Geraldo da Cunha, o termo “bugre” deriva do francês “bougre”, que por sua vez vem do latim “bulgarus”, querendo significar “búlgaros”, referindo-se aos habitantes da região conhecida como Bulgária. Desde sua origem, a expressão já era pejorativa, uma vez que os búlgaros, vários séculos atrás, eram considerados hereges pela Igreja Católica Apostólica Romana, pelo que o termo francês “bougre” passou a ser usado para se referir a pessoas rudes, grosseiras, incultas e heréticas. Rudes, grosseiros, incultos e heréticos era exatamente como os conquistadores, os missionários e os colonizadores europeus viam os povos indígenas brasileiros em geral e, portanto, foi com naturalidade que passaram a aplicar a eles a pejorativa designação de “bugres”.

Sobre o Campo dos Bugres, então, surgiria a Caxias do Sul que hoje viceja, opulenta e pujante, na sedimentação de seu presente e na pavimentação contínua do futuro.

**

Félix Laner

Talvez haja controvérsias, porém, parte significativa e confiável dos registros históricos de que se tem conhecimento dá conta de que o tirolês Rodolfo Felice Laner (cujo nome também era grafado como Rudolph Félix Laner) foi o primeiro imigrante a colocar os pés na área conhecida como Campo dos Bugres, em 1876, e a fixar residência na região que mais tarde se transformaria na cidade de Caxias do Sul. A primeira expedição de imigrantes italianos ao Campo dos Bugres, para fazer o reconhecimento do terreno a fim de dar início ao estabelecimento das várias famílias vindas da Itália desde 1875 e que já aguardavam no Barracão, em Nova Milano (atual Farroupilha), em Feliz e em São Sebastião do Caí, era composta por Laner e José Pezzi, conhecido pelo apelido de “Beppi Terra”. Félix Laner (aqui vamos grafar seu nome assim) trazia impressa na alma a vocação para o pioneirismo e exerceu esse atributo na prática em vários aspectos que a seguir veremos, tornando-se uma das figuras míticas do surgimento de Caxias do Sul.

Laner nasceu em 22 de julho de 1840 na pequena comuna italiana de Pèrgine Valsugana (hoje com pouco mais de 22 mil habitantes), situada na região de Trentino Alto, Província de Trento. Essa área pertence à região conhecida como Tirol, que esteve em disputa entre os vizinhos Itália e Áustria durante muitos anos ao longo do século XIX, passando ora para o jugo de um e ora para o de outro país. Atualmente as fronteiras estão delimitadas, com a Áustria possuindo a região conhecida oficialmente como Tirol e a Itália contendo a Região Autônoma do Trentino-Alto Ádige.

Desde muito jovem, Félix Laner tornou-se um ativo partidário da anexação do Tirol à Itália, contra o domínio que então a Áustria exercia sobre a região. Apesar de ter servido como soldado em sua terra natal, fugiu para a Itália a fim de se alistar no regimento dos “Bersaglieri” (artilheiros) da infantaria italiana, corporação criada em 1836 para servir ao exército do Reino da Sardenha. Laner chegou ao posto de capitão nesse regimento que, poucos anos mais tarde, transformou-se no Exército Real Italiano.

Foi quando o jovem capitão se tornou carabineiro da Guarda Real de Vitor Emanuel II, o primeiro rei da Itália (de 1861 a 1878) após a unificação do país.

Rodolfo Félix Laner juntou-se a um grupo de emigrantes italianos que partia da região do Tirol com rumo certo ao “Campo dos Bugres”, na região serrana do sul do Brasil (a denominação do destino, inclusive, constava dessa maneira em seus passaportes). O embarque se deu no porto de Havre, na França, em 2 de abril de 1876, no ano seguinte, portanto, ao início oficial do processo de imigração italiana ao Rio Grande do Sul. Ao findar o mês de maio, os viajantes já se alojavam na Casa do Imigrante em Feliz, uma das várias construídas pelo governo brasileiro para abrigá-los quando da chegada da Europa, funcionando como locais de passagem antes de receberem suas colônias definitivas. Porto Alegre, São Sebastião do Caí, Nova Milano e Nova Palmira também sediavam construções desse tipo, apelidadas de “Barracões”.

Enquanto o grupo de tirolezes permanecia no Barracão em Feliz, Félix Laner e José Pezzi tomaram a iniciativa de partir a cavalo rumo ao “Campo dos Bugres”, a fim de fazer um reconhecimento prévio da área que lhes era destinada. Abrindo picadas a facção e vencendo as escarpas cerradas, atingiram finalmente o local, transformando-se nos dois primeiros imigrantes a pisarem na terra que viria a sediar Caxias do Sul.

Um episódio pitoresco fruto dessa expedição é relatado no livro “E Assim Eles Contavam...” (Porto Alegre, 1998), de autoria de João Laner Spinato (1899-1977). Enquanto os dois parceiros exploravam o Campo dos Bugres, haviam se esgotado as provisões e mantimentos trazidos de Feliz. Famintos, de repente depararam com um cachorro circulando por ali, curioso com a presença da dupla por aquelas ermas paragens. Os dois já se preparavam para abater o animal a fim de saciarem a fome quando se deram por conta de que, como não era um bicho nativo, a presença do cachorro deveria significar a existência de gente por perto.

Ao invés de sacrificá-lo, optaram por seguir o animal, que os conduziu até uma choça feita de xaxim, habitada por um homem que ficou conhecido como “o espanhol”. Comunicando-se por gestos e sinais, conseguiram dar a entender que estavam famintos e foram, então, convidados a saborear um charque que lhes foi preparado pelo “espanhol”, refeição animada pela presença alegre do cachorro que salvou o próprio pelo e a vida da dupla de exploradores. A choça do “espanhol” localizava-se nas atuais imediações das ruas Pinheiro Machado com a Moreira César. Por ali já havia um

carreiro (caminho aberto no meio da mata) que, passando pelas terras onde hoje estão os colégios São José e Carmo, conduzia os tropeiros aos Campos de Cima da Serra.

Reconhecido o terreno, Laner e Pezzi retornaram a Feliz, onde Laner adquiriu provisões, animais, ferramentas e material de construção para erguer uma casa. Reuniu cerca de 20 homens e retornou ao Campo dos Bugres, onde coordenou a construção de sua residência na área que seria denominada como Lote Urbano Número 7, em frente ao local em que atualmente situa-se o Hospital Pompeia. A casa de Rodolfo Félix Laner foi a primeira a ser construída em Caxias do Sul.

O andar térreo da residência foi inaugurado em 29 de junho de 1876, com uma grande festa entre os trabalhadores, regada generosamente a traguinhos de cachaça. Homem de visão eu era, imediatamente Laner abriu ali, junto à casa, o comércio de “Fazendas, Secos e Molhados”, abastecendo as famílias de colonos com mantimentos, roupas, remédios e outros artigos de primeira necessidade. Foi dele também, portanto, o primeiro negócio instalado em Caxias do Sul. Já devidamente estabelecido com moradia e trabalho, chegava a hora de dar o sinal verde para a vinda do restante da família, que chegou ao Campo dos Bugres, na casa de Félix Laner, em 27 de setembro de 1877.

Chegada do Trem

Apenas 25 anos após a chegada dos primeiros imigrantes italianos à região da Serra gaúcha, a Caxias do Sul que, em 1910, recebia pela primeira vez o trem naquele dia 1º de junho e era alçada à condição de cidade, já se preocupava em valorizar os feitos da sua própria história, registrá-los e detectar no presente a pujança que lhe abria os caminhos do futuro. O cidadão que estivesse circulando pela cidade naquela quarta-feira histórica e festiva se encontraria imerso em um povoamento que, aos moldes da época e da região em que estava inserido (interior da região mais austral do imenso país), apresentava claros sinais de vitalidade econômica e desenvolvimentista, sob diversos aspectos.

A chegada da estrada de ferro representava uma conquista local que literalmente colocava Caxias nos trilhos da civilização e em sintonia com a modernidade.

A população local era composta por 23.965 habitantes, uma metrópole já naquela época, em que as pequenas vilas eram a realidade da maioria dos povoados gaúchos. Desse total, 3.743 (15,6%) viviam na área urbana e 20.222 (84,4%) na zona rural, mas o processo de migração da zona rural para a urbana já se iniciava. Tanto é que, dez anos depois, em 1920, o total de caxienses vivendo na cidade já subira para 22,2%. Também estavam registradas, conforme o recenseamento elaborado pela Intendência Municipal da época, 186 casas comerciais e 235 indústrias, que passavam a se beneficiar da movimentação decorrente da estação ferroviária situada no coração de onde fora há poucas décadas o chamado Campo dos Bugres. O movimento pelas ruas de pessoas a pé, a cavalo e conduzindo carroças e charretes decorria das atividades diárias provocadas por todos esses estabelecimentos, somados a 160 alambiques, 10 engenhos de cana, 71 moinhos (seis deles já movidos a vapor), 15 curtumes, 38 serrarias (17 delas a vapor), 173 oficinas, seis olarias, uma fábrica de pólvora, uma indústria de inseticidas em pó, uma fábrica de tecidos de seda e outra de tecidos de lã e algodão.

Um passeio pela cidade revelaria ao transeunte a existência de 8 mil prédios, sendo 7 mil de madeira e mil já erguidos em tijolos e pedras. Estava registrada a existência de três farmácias, dez padarias, duas confeitarias, duas fábricas de moer café e duas de massas alimentícias, cinco cafés com oito bilhares, quatro hotéis, uma pensão, várias “casas de pasto”, duas fábricas de cerveja, duas relojarias, dois ateliers fotográficos, barbearias, engraxateria, um atelier de escultura, uma livraria, duas oficinas de encadernações, uma tipografia, duas oficinas metalúrgicas.

O primeiro silvo da locomotiva foi ouvido em Caxias exatamente às 15h40 daquele dia 1º de junho de 1910.

Nas festividades à noite, no Clube Juvenil, chegou um telegrama, enviado de Porto Alegre pelo Presidente do Estado, Carlos Barbosa, endereçado ao intendente municipal Vicente Rovea, comunicando a notícia de que Caxias era, naquele momento,

elevada à categoria de cidade. O telegrama dava conta de que Carlos Barbosa assinara um Decreto, o de número 1.607, por meio do qual a Vila de Santa Tereza de Caxias elevava-se à condição de cidade e passava a se chamar Caxias. As autoridades ingressaram solenes e aceleradas de volta aos salões dançantes do Clube Juvenil. Fez-se parar a música, para espanto de todos os presentes, e o despacho oficial foi lido em pleno salão, pelo presidente do Clube Juvenil, Américo Ribeiro Mendes, para a alegria de todos os presentes, que saudaram a notícia com palmas, vivas e gritos de “hurra”. Rapidamente a notícia se espalhou por toda a cidade, e de todos os cantos as aclamações foram surgindo e os foguetes voltaram a embelezar o estrelado céu da mais nova das cidades gaúchas.

2) História da Paróquia (mais no livro do Spinato, pag 82)

Em 20 de fevereiro de 1879, apenas quatro anos após a fundação da colônia do Campo dos Bugres, chegava da Itália a família de Salvatore Sartori. Sua filha Amália e Raffaele Buratto, que chegou em 18 de maio de 1879, aqui casaram e ele estabeleceu-se como tanoeiro onde atualmente fica o jardim do Hospital Pompéia, em Caxias do Sul. Pouco tempo depois o Barão Daniel von Schlabrendorff (seu concunhado) presenteia o casal Buratto com uma chácara fronteira à sua própria casa, para sua esposa Maria ter maior proximidade e convivência com a irmã Amália, esposa de Raffaele. Em 1891 Raffaele recebeu de seu sogro Salvatore Sartori uma tela com a imagem de São Pelegrino, padroeiro da sua cidade natal, (Cornuda) na região de Treviso na Itália. Para honrar o santo, Raffaele ergueu um capitel dentro de sua propriedade, que mais tarde substituído por uma capela de madeira, onde, em 19 de Abril de 1893, foi celebrada a primeira missa. Mais tarde a capela foi ampliada, sendo reinaugurada em 1938. Elevada a Paróquia em 1942, seu primeiro sacerdote foi o Padre Eugênio Giordani. Em 1944 foi lançada a pedra fundamental do edifício atual, projetado por Vitorino Zani (ou Vitório Zini, segundo outras fontes), terminado em 1953. Nesta ocasião a igreja foi dedicada conjuntamente a São Pelegrino e São José, denominação que seria alterada novamente em 1983, quando foi reconsagrada a São Pelegrino e Nossa Senhora da Pietà, em honra a uma réplica da Pietà de Michelangelo, recebida de presente da Santa Sé.

3) O bairro hoje

Também São Pelegrino, conhecido como o coração que deu origem à pujança de Caxias do Sul, vive um novo e intenso momento de transformação devido às características que moldam o bairro quase como uma minicidade dentro de Caxias do Sul, autossuficiente em serviços e constantemente atraindo uma população crescente, seja na condição de moradores quanto na de estabelecimentos comerciais e de serviços. A região responde hoje por cerca de 50 mil dos atuais 435 mil habitantes de Caxias do Sul, ou 11,5% da população. Por lá circulam, diariamente, mais de 80 mil pessoas ou em trânsito (cruzando por entre bairros) ou tendo pontos do bairro como destino final. É muita gente e são muitos veículos, o que vem gerando um trânsito cada vez mais problemático na região.

A região hoje concentra atrativos de naturezas diversas, atraindo públicos também diversificados. São Pelegrino é um centro comercial que ganhou incremento com a recente abertura do São Pelegrino Shopping Mall, que se alia ao comércio tradicional de rua e ao charme da Via Decoratta; é um centro de serviços, com escritórios e consultórios de profissionais de várias áreas; é um centro turístico, com a Igreja de São Pelegrino e a área tombada do Largo da Estação Férrea; é um centro gastronômico, com bares e restaurantes diversificados e é também um centro educacional, com colégios tradicionais e oito faculdades instaladas em seu perímetro, além de cursos de línguas, informática e outras atividades. Tudo isso provoca um impacto no trânsito que não tem tido suas conseqüências solucionadas no ritmo que os moradores gostariam.